

## VIDA VIVIDA — RECORDAÇÕES

Depois de tantas vidas vividas numa só vida, aos 64 anos de idade, dos quais 48 de lutas, creio que tenho o direito de evocar as recordações e fazer um resumo das lutas travadas e experiências vividas — em vista do presente e do futuro.

Nunca vivi num manso lago azul. Pelo contrário! Coube-me uma vida dura, difícil e dolorosa, nas lutas no ambiente atrasado do Nordeste em 1912-1919, durante os anos de estadas de sítio no Brasil em 1922-1926, na guerra fascista hitleriana em 1941-1945 e vítima de um processo monstruoso em 1948-1960.

Estas páginas constituem, também, uma prestação de contas ao povo brasileiro.

De onde vim? Que fiz? Como vivi?

Falarei de um modo objetivo, e não subjetivo.

Sempre tive como finalidade servir à Pátria e à Humanidade, honrá-las, ser digno delas. Sou apenas um escritor, simples caboclo do Nordeste — patriota e humanista, democrata e revolucionário. Nasci a 12 de setembro de 1896, na cidade de Viçosa de Alagoas, à Rua do Juazeiro, na casa que tem, atualmente, o n.º 58.

**VIÇOSA.** Viçosa tem uma tradição heróica.

Os últimos combates do Quilombo dos Palmares foram travados em terras de Viçosa. Aí, em 1695, o Espártaco Negro do Brasil — o imortal Zumbi — segundo a tradição, depois de combates encarniçados, pereceu lutando, atirou-se de um dos cabeços da Serra do Bananal. Preferiu a morte à escravidão!

As terras de Viçosa foram doadas em sesmarias aos Paulistas (Bandeirantes) de Domingos Jorge Velho que, auxiliados por índios alagoanos e pernambucanos, venceram os bravos Quilombolas.

A população de Viçosa tem, pois, quatro origens: índios, índio-caboclos (mestiços), negros palmarinos e paulistas (bandeirantes).

**ALAGOAS.** Alagoas é uma terra de raízes profundas na História do Brasil. É berço de tradições épicas e imortais, patrióticas e progressistas!

É a terra dos bravos índios Caetés, dos negros heróicos dos Palmares, dos combatentes indômitos da guerra nacional-libertadora contra a invasão holandesa, dos mártires de 1817. É a terra de Diodoro, o proclamador, e Floriano, o consolidador. É a terra de heroínas republicanas de 1817 e 1824 — Ana Lins, de intelectuais progressistas — Tavares Bastos, naturalistas — Ladislau Neto, estudiosos da Terra e do Homem — Alfredo Brandão, poetas que cantaram a dor dos negros escravos — Jorge de Lima, romancistas que descreveram a zona do agreste — Graciliano Ramos, operários e intelectuais que se bateram pelas idéias mais avançadas — desde 1917 até hoje.

Na atualidade, Alagoas apresenta uma vanguarda de operários e camponeses, estudantes e intelectuais, artistas e escritores, técnicos e cientistas, jovens e mulheres trabalhadoras, que continuam essas tradições patrióticas e progressistas, lutam pela libertação nacional e social do Brasil e da Humanidade!

**A INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA.** Os antepassados maternos de Octavio Brandão Rêgo vieram de Mata Grande, entre os Rios Moxotó e São Francisco, na zona da grandiosa Cachoeira de Paulo Afonso. Talvez sejam descendentes de índios Cariris. Os antepassados paternos vieram da Ilha de Santa Rita, na região dos Canais e das Lagoas. Talvez sejam descendentes de índios Caetés.

Octavio Brandão, pelo menos desde 1919, passou a viver como um Cariri e Caeté perseguido e acochado...

A mãe — Maria Loureiro Brandão Rêgo, tinha notáveis qualidades morais. Era um tipo de Mãe Brasileira, cheia de imensa doçura e dedicação. Faleceu ainda môça, em 1900, em Viçosa. O filho entrou na vida pela porta da amargura. Teve como primeira recordação na vida a mãe morta. Guardou no coração a imagem sempre viva e dolorosa — 60 anos depois...

O pai — Manuel Correia de Melo Rêgo, era prático de farmácia, pertencente à chamada, "classe média", pequeno burguês urbano empobrecido. Possuía um pequeno estabelecimento onde êle próprio trabalhava. Era um homem fundamentalmente bom. Democrata instintivo, espontâneo. Amava o povo. Defendia idéias progressistas. Combatia os governos tirânicos. Atacava os exploradores ingleses — os donos da estrada de ferro Great Western. Simpatizava com os operários e estudantes da Rússia, em luta contra o czarismo, durante a revolução de 1905.

O pai viveu na pobreza. Morreu na mais profunda miséria, em 1911, em Palmeira dos Índios. O cadáver foi envolto num lençol e, assim, atirado à terra madrasta...

OB tem uma irmã — Mariinha. Viveram seperados, durante dezenas de anos. Mas sempre ricos do grande amor fraternall

Teve outra irmã — Ceci, por parte de pai. Ceci faleceu em 1939, jovem e bela. Deixou cinco filhos.

O menino viveu em Viçosa em 1896-1908, à Rua do Juazeiro. Desde a mais tenra infância, foi criado na dura Escola do Trabalho, na pequena farmácia paterna.

Aí, camponeses semi-servos, caboclos dos engenhos de açúcar, vaqueiros das fazendas de gado, tangerinos do agreste e do sertão, contavam lendas, histórias e narrativas sôbre as lutas dos antigos índios e a vida dos trabalhadores contemporâneos. Camponeses negros, ex-escravos, contavam lendas, histórias e narrativas sôbre as lutas titânicas do Quilombo dos Palmares, em União e Viçosa de Alagoas, a morte heróica do Zumbi e os tempos do cativo até 1888.

O pai e êsses Homens do Trabalho foram os primeiros professores de OB.

O menino aprendeu a ler, em Viçosa, com a professora Maria do Ó. Depois, com os professores Regina Balbino, Rodrigues Maia e, especialmente, Tibúrcio Nemésio. Desenvolveu-se em Maceió com o professor Higino Belo.

Na infância, o livro que lhe causou maior impressão e exerceu maior influência foi a *História de Carlos Magno e dos Dozes Pares de França*. Nêle, a criança bebeu lições de bravura nas batalhas totalmente desiguais.

O adolescente viveu em Maceió, em 1908-1911. Aí morou com o Dr. Alfredo Brandão — escritor de talento, autor do livro *Viçosa de Alagoas*, médico do Exército, tio materno. Era num chalé, à Rua do Arame (Ângelo Neto) n.º 199, no Alto do Farol. O tio custeou-lhe os estudos. Contribuiu muito para o desenvolvimento intelectual do sobrinho.

OB sempre foi grato ao tio Alfredo. Prestou-lhe homenagens em vida. E venera a sua memória.

Em Maceió, o adolescente foi despertando. Seguiu pelo Alto do Jacutinga, para, interessado, assistir ao tiroteio e ver como se derruba um govêrno incapaz — a oligarquia de Euclides Malta. Acompanhou com simpatia, pelos jornais, a insurreição armada dos marinheiros, comandados por João Cândido, contra o sistema da chibata, em 1910. Exaltou, posteriormente, esta insurreição nas páginas de *O Caminho* — epopéia nacional brasileira.

Também em Maceió, construiu um jirau de tábuas, no alto de uma grande ingazeira, no fundo do pomar do chalé da Rua do Arame. Aí, no jirau, em 1911, leu *Eça de Queirós*. Começou a ter dúvidas sôbre a concepção mística da vida e do universo...

**NO RECIFE.** OB viveu no Recife, em 1912-1914. Aí sonhou e estudou.

Admirou Tiradentes, Castro Alves e Euclides da Cunha — as três grandezas nacionais. Começou a estudar a literatura universal. Estudou as ciências naturais: física e química, botânica e biologia, mineralogia e geologia. Leu Darwin e

Humboldt, Haeckel e Büchner. Sentia a paixão mais ardente pela ciência e a cultura.

Em fevereiro de 1912, deu o *primeiro passo libertador* — rompeu com o passado morto, com a mística da Idade Média européia, num ambiente dominado pelas sobrevivências medievais. Tornou-se, há 48 anos, um pioneiro da luta pela libertação espiritual do povo brasileiro, pela ciência e a cultura, contra a barbaria e o obscurantismo. Iniciou uma batalha dura e desigual, difícil e dolorosa contra forças imensas coligadas.

Também no Recife, o jovem tomou outras iniciativas. Leu as obras de filósofos avançados e progressistas. Pesquisou a história de Pernambuco e a notável guerra nacional-libertadora contra a invasão holandesa. Fêz excursões pelos arredores do Recife, investigando diretamente a Natureza Viva. Devorou febrilmente *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Admirou os *Quadros da Natureza* de Humboldt. Apaixonou-se pelos poetas e pensadores da Índia Antiga, da Grécia Clássica e da Europa Moderna. Infelizmente, sua base filosófica, então, não era segura e conseqüente.

OB iniciou sua atividade literária, no "Jornal do Recife", a 17 de maio de 1914, publicando o estudo *Aspectos Pernambucanos nos fins do século XVI*. Trata das condições históricas e sociais de Pernambuco nessa época.

Publicou sua primeira poesia — *A Morte do Zumbi*, no "Diário de Pernambuco", do Recife, a 8 de outubro de 1914. Seu objetivo era exaltar a epopéia do Quilombo dos Palmares e o titânico Zumbi. Esta poesia abre o livro de versos, ainda inédito: *As Forças Encadeadas*.

No Recife, o jovem fêz investigações. Copiou documentos antigos — as Ordens Régias e as Consultas do Conselho Ultramarino, a fim de auxiliar o tio Alfredo Brandão a esclarecer pontos obscuros da história do Quilombo dos Palmares e escrever o respectivo capítulo do livro *Viçosa de Alagoas*, aparecido em 1914.

Conheceu intimamente o velho João Batista Regueira Costa, amigo de Castro Alves e Euclides da Cunha, que lhe falou carinhosamente sobre as duas grandezas imortais.

O jovem formou-se, em 1914, pela Escola de Farmácia do Recife. Apresentou uma tese científica sobre aspectos da botânica brasileira: a família das labiadas em geral e a erva-cidreira em particular.

*EM MACEIÓ.* OB voltou a Alagoas. Viveu em Viçosa nos primeiros meses de 1915. Trabalhou numa farmácia. Ia, pela manhã, ao hospital da cidade, fazer curativos nas úlceras dos enfermos. Estudou a História do Brasil. Procurou vestígios dos antigos índios e dos negros palmarinos. Fêz viagens penosas. Uma delas, ao tópo da Serra Dois Irmãos, através da mata completamente virgem, abrindo uma trilha a golpes de foice, durante mais de 6 horas. Na árvore mais alta, desfraldou a bandeira ouro e verde do Brasil — símbolo da Pátria no tópo da montanha!

O jovem viveu em Maceió, de 1915 a 1919. Aí lutou, sofreu e sonhou. Trabalhou na pequena Farmácia Pasteur, no Bairro da Levada, no meio de gente paupérrima. Curou enfermos. Continuou a estudar ciências naturais.

Publicou, em Maceió, um estudo a propósito das línguas românicas e versos cantando *A Poesia da Terra Natal*. Fêz uma conferência sobre Gonçalves Dias — *O Nheengaçara dos Timbiras*. Colheu materiais folclóricos. Estudou, em cronistas e viajantes, os antigos índios e negros. Pôs-se em contacto com seus descendentes. Reuniu materiais sobre as línguas tupi e nagô. Aproveitou, em parte, os estudos de tupi, no trabalho *O Vocabulo Sumaúma*, publicado em 1916, na revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano.

"CANAIIS E LAGOAS". OB começou a estudar ciências naturais no Recife, em 1912. Continuou os estudos em Maceió, em 1915-1919. Leu Darwin e Haeckel, Humboldt e Martius, Hartt e Branner.

Depois de uma lenta e necessária *preparação teórica*, tomou a iniciativa: a 20 de abril de 1916, em Maceió, na

Bôca da Levada, iniciou suas viagens pela região dos Canais e das Lagoas. Percorreu um total de 1.500 quilômetros, dos quais 600 a pé.

Inspirou-se na ciência unida à poesia, no realismo espontâneo fundido com o romantismo heróico. Arriscou a vida várias vezes. Atravessou pântanos com água e lodo pela cintura.

Era, então, muito jovem — ainda não tinha 20 anos de idade. E traçou vários objetivos. Procurou descobrir as riquezas naturais em geral e indícios de petróleo em particular. Tratou de conhecer diretamente a Terra e o Homem Trabalhador. Pesquisou a Natureza Viva, o Povo e a História. Coligiu materiais folclóricos. Investigou a formação e o desenvolvimento da terra, as condições de vida e trabalho das populações. Conviveu estreita e fraternalmente com pescadores, canoieiros e lavradores pobres.

Nas viagens, teve como companheiros, simples homens do povo. Quais? Nicolau Bispo da Silva, caboclo dobrado da Serra da Nacêia, em Anadia. Antônio Caititu, pescador palúdico da Bica da Pedra. Francisco Figueiredo, canoieiro curtido da Levada. Manuel Natalício da Silva, um jovem do Pilar, hoje encerador no Rio de Janeiro. Alcides Pimenteira, alfaiate de Viçosa, homem de idéias progressistas — na viagem ao tôpo da Serra Dois Irmãos.

Como primeiros resultados dessas viagens, OB fez três conferências em Maceió. A segunda, em homenagem a Cristóvão Colombo, teve lugar a 12 de outubro de 1917, na sede do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano. Foi publicada no "Jornal do Comércio" de Maceió em outubro de 1917 e numa brochura em janeiro de 1918.

Nela, o jovem conferencista descreveu a composição mineralógica dos terrenos percorridos, sua formação geológica e os elementos paleontológicos (fósseis) encontrados. Assinalou 14 lugares de Alagoas com indícios de petróleo. Procurou demonstrar a importância dessas jazidas. Acentuou a necessidade da abertura de poços para se extrair esse combustível. E, assim, em 1917, há 43 anos, tornou-se um pioneiro da luta pelo petróleo brasileiro.

A primeira conferência foi bem acolhida pela imprensa e pelos intelectuais. A segunda, ainda melhor.

Foi saudada calorosamente pelo cientista norte-americano John Casper Branner, um dos fundadores da geologia brasileira, diretor da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos.

Branner, em 1918, escreveu uma carta de estímulo e enviou o próprio retrato ao jovem cientista alagoano, com a dedicatória: "Ao entusiástico estudante da natureza brasileira."

O historiador brasileiro Rocha Pombo também o saudou calorosamente em 1918:

"Sua conferência sobre os Canais e as Lagoas foi para mim um como incêndio. Sente-se que Octavio Brandão tem cousas imensas a dizer-nos e quer dizer tudo de uma vez e num momento. Tudo isso fala pelo esplendor e pela suntuosidade do seu espírito.

Octavio Brandão é uma grande alma aberta para os amplos horizontes em que anda vivendo. Tem muito a dar-nos dos heroísmos que lhe temperam o grande sentimento de amor à terra e a lúcida inteligência com que encara a natureza."

Após a segunda conferência, o órgão oficial da Igreja Católica — "O Semeador" de Maceió, a 13 de outubro de 1917, exaltou a conferência e concluiu: OB é uma glória de Alagoas.

"O Imparcial" de Maceió, a 16 de outubro de 1917, comparou-o a Goeldi e Humboldt. Por ocasião da primeira conferência, o mesmo jornal acentuara a 26 de fevereiro de 1917: "parecia estarmos ouvindo o sábio naturalista Humboldt diante das grandezas naturais da região amazônica."

OB, em 1918, foi professor de História Natural Nacional, aplicada ao Brasil, na Academia de Ciências Comerciais. Aos domingos, fazia excursões. Percorria os arredores de Maceió com os alunos, môças e rapazes de famílias distintas, a fim de auxiliá-los a estudar diretamente, amar e compreender a Natureza Viva do Brasil.

Então, diante do jovem cientista, abria-se a mais brilhante carreira para atingir postos de relêvo no seio da sociedade

dominante. Mas, exatamente nessa hora, êle *renunciou a tudo*. E que seus desígnios já eram muito outros.

**NO MOVIMENTO OPERÁRIO E POPULAR.** Em Maceió, em 1917, OB deu o *segundo passo libertador* — tornou-se militante do movimento operário e popular. Iniciou a batalha duríssima pelos direitos e as reivindicações dos trabalhadores, batalha que vem durando há 43 anos.

Leu, em 1917, o romance de Máximo Górkí, realista revolucionário — *A Mãe*, e lançou imediatamente um apêlo ao combate. Defendeu a paz, contra a guerra e o militarismo. Solidarizou-se com os protestos dos trabalhadores de Alagoas contra a adesão do govêrno do Brasil à guerra imperialista de 1914-1918. Tomou parte na grande vaga de movimentos operários e populares de 1917-1920. Auxiliou a formação de sindicatos. Sustentou as greves operárias. E lançou as palavras de ordem:

— Aumento dos salários! Dia de 8 horas de trabalho! Defesa das liberdades! Organização de sindicatos de resistência!

Entre os seus companheiros de luta, destacaram-se, então: o tipógrafo Antônio Canelas, o artesão-alfaiate Olímpio Sant'Ana e os empregados no comércio Faustino de Oliveira, Rosalvo Guedes, Umbelino Silva e Manuel Falck.

OB publicou poesias cantando a beleza da terra natal e chamando o povo aos combates contra a exploração e a opressão.

Em Maceió, em 1918, publicou o estudo *Um Evadido da Realidade*, análise crítica sôbre a vida e a obra do poeta alagoano Silva Barros.

Nesse trabalho, OB levantou vários problemas. Denunciou a miséria do povo. Condenou o sistema dos latifúndios. Preconizou a divisão das terras, sua entrega aos camponeses. E, assim, tornou-se, em 1918, um pioneiro da luta pela reforma agrária.

No mesmo estudo, reivindicou uma arte e literatura de conteúdo social e nacional. Fêz um Apêlo aos escritores alagoanos, para que se inspirassem na Natureza Brasileira, des-

crevessem a vida dos trabalhadores, narrassem os sofrimentos das multidões laboriosas. Fêz um Apêlo semelhante aos artistas. E lançou, então, as palavras de ordem:

— A luta por um pedaço de terra para cada trabalhador de enxada! Resgatemos o nosso povo da miséria econômica, moral e intelectual em que tem vivido! Redenção da Terra e Redenção do Homem!

Em Maceió, também em 1918, OB com seus camaradas fundou a Congregação Libertadora da Terra e do Homem, em vista de uma reforma agrária, pela divisão das terras, valorização do trabalho dos operários e lavradores pobres, por uma arte e literatura sociais e nacionais. Então, percorreu a pé o interior de Alagoas, lançando diretamente, no seio dos trabalhadores rurais, as palavras de ordem:

— Divisão das terras! A terra — ao trabalhador de enxada!

Então, o govêrno de Alagoas, dirigido por Fernandes Lima e Manuel Moreira e Silva, era muito reacionário. Efetuou muitas prisões e golpeou brutalmente êsse movimento progressista.

Em consequência de tôda essa luta, OB nunca mais teve sossego na vida, marcado para sempre, perseguido pelos reacionários, pelos trustes estrangeiros e seus agentes no Brasil. Foi prêso em 1919, na Cadeia de Maceió, e obrigado a exilar-se de Alagoas, a fim de escapar ao assassinato político.

Durante 41 anos, perdeu a imensa doçura nostálgica do Nordeste e guardou no coração a dor mais profunda — a dor de não poder voltar à terra natal!

Alagoas — a terra florida e encantada, a terra querida, saturada do perfume da Imortalidade, ficou perdida na distância, no horizonte, no infinito...

**NO RIO DE JANEIRO.** No Rio de Janeiro, começou a Vida Dolorosa do Exilado. Durou 41 anos...

OB viveu no Rio de Janeiro de 1919 a 1931. Lutou, sofreu e trabalhou.

Estudou literatura e filosofia, ciências naturais e ciências sociais. Autodidata, freqüentou assiduamente a Biblioteca Na-

cional. Aí estudou os poetas e os pensadores da Índia Antiga, da Grécia Clássica e da Europa Moderna. Admirou as *Fóllhas de Relva*, de Walt Whitman. Escreveu cantos à energia cósmica. Publicou poesias líricas e românticas, heróicas e revolucionárias. Foi membro da Sociedade de Geografia e praticante do Museu Nacional. Pronunciou três conferências na Sociedade de Geografia e uma na Biblioteca Nacional, sobre as riquezas naturais do Nordeste, entre as quais o petróleo.

No Rio de Janeiro, em 1919, OB publicou *Canais e Lagoas*. É um poema telúrico. Estuda a geografia, a mineralogia e a geologia da região. É uma obra inspirada pela ciência unida à poesia, pelo realismo espontâneo fundido com o romantismo heróico.

Nesse livro, o autor cantou a poesia da terra brasileira. Assinalou a existência de indícios de petróleo em muitos lugares, entre os quais São Miguel e a zona do Riacho Doce. Preconizou, mais uma vez, seu aproveitamento. Chamou a atenção sobre vários problemas nacionais. Levantou uma série de questões sociais. Recomendou uma reforma agrária — “maior repartição da terra, de modo que o trabalhador fique prêsso a ela, e não trabalhando em terra alheia”. Acentuou: “A atual organização social é a causa essencialíssima da miséria do nosso povo.”

*Canais e Lagoas* mostra que o estudo objetivo da Natureza Viva conduz à dialética — demonstra objetivamente a verdade da teoria moderna do desenvolvimento universal.

O livro recebeu saudações calorosas da poetisa Laura da Fonseca e Silva, de Monteiro Lobato, Lima Barreto, José Oiticica, Nestor Vítor, Fábio Luz, José do Patrocínio Filho e Faustino de Oliveira.

Mas foi tratado com hostilidade por Jackson de Figueiredo, Tristão de Ataíde, Humberto de Campos, Antônio Tórres e outros. Eram as “celebridades” da época...

Monteiro Lobato escreveu em 1919:

“*Canais e Lagoas* é uma verdadeira revelação como cousa nova, meteoro de estranho fulgor.

Estamos em face de qualquer cousa que excede aos âmbitos do indivíduo e na qual caòticamente, bárbaramente, as

dores da raça e os anseios vagos da terra procuram exprimir-se.

*Canais e Lagoas* dá a impressão de um terreno revólto por um cataclisma recente, onde se rasgam abismos no meio de planuras mansas e onde fumegam fendas vulcânicas ao lado de flôres agrestes recém-desabrochadas.

Em Octavio Brandão, os seus 20 anos juntaram a surpresa da ciência à surpresa da vida. Os defeitos do livro são decorrentes do excesso de qualidades. Há inúmeras páginas cheias de uma beleza estranha, de um fulgor inédito, que às vezes deslumbra.

Octavio Brandão formará ao lado de Euclides da Cunha como magnífico intérprete da alma da raça e da alma da terra, conjugando o sábio com o poeta, ambos senhores de largo vôo.”

Tais as palavras de Monteiro Lobato, em 1919.

Em 1948, o mesmo escritor dedicou a OB o livro sobre *O Escândalo do Petróleo* no Brasil.

No Rio de Janeiro, OB ficou 10 meses sem ganha-pão. Depois, teve de recomeçar a vida. Trabalhou em farmácia. Foi empregado de uma casa comercial e revisor de jornal. Ficou desempregado em várias ocasiões. Conheceu a penúria.

**NOVOS COMBATES.** Os governos sucessivos da República foram sendo cada vez piores. Os governos reacionários de Venceslau Brás, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes, Washington Luís e Getúlio Vargas perseguiram implacavelmente os elementos progressistas em geral e os trabalhadores em particular.

OB, no Rio de Janeiro, desde o momento da chegada, continuou a dura batalha pelos direitos e as reivindicações dos trabalhadores, pela libertação espiritual do povo brasileiro, contra o obscurantismo e a mística feudal e reacionária da Idade Média européia.

Tomou parte nos movimentos operários e populares. Tornou-se libertário. Combateu a reação. Auxiliou a organização sindical. Defendeu as greves operárias. Foi prêsso 15 vezes. Seu lar, invadido, dezenas de vezes, pelos esbirros da polícia

política. Conheceu a penúria, o abandono e a solidão. Conheceu as mais duras masmorras — a célebre Geladeira da Polícia Central e os cubículos medievais da Casa de Detenção.

O autor publicou poesias chamando o povo aos combates pela liberdade. Apoiou o Grupo Comunista Zumbi, formado por intelectuais. Aderiu ao Grupo Clarté, de Paris, dirigido pelo notável escritor Henri Barbusse. Fêz propaganda do Grupo Clarté, no Brasil. Escreveu a intelectuais progressistas da Ásia. Pôs-se em contacto com intelectuais avançados da Europa e da América Latina.

No panfleto *Despertar! Verbo de combate e de energia*, publicado em 1920, o autor apontou os capitalistas estrangeiros como sendo os dominadores do Brasil e reivindicou a libertação nacional dos países coloniais e dependentes da Ásia, África, América e Oceania.

No folheto *Os Desmoronamentos Divinos*, em 1920, fêz uma análise e crítica do misticismo.

No *Veda do Mundo Novo*, escrito em 1919 e publicado em 1920, levantou uma série de problemas. Fêz crítica social. Defendeu o humanismo e a libertação do espírito. Preconizou nova moral e novo sistema social. Inspirou-se na tradição brasileira, nos poetas e pensadores da Índia Antiga, da Grécia Clássica e da Europa Moderna.

No Rio de Janeiro, em 1919, OB conheceu Laura da Fonseca e Silva. Era poetisa e educadora, patriota e humanista. Filha do povo carioca. Jovem de talento e beleza, cultura e caráter. Veio a ser a inspiradora, a animadora e a cooperadora. Casaram-se em 1921. Tiveram 4 filhas: Valná, Dionisa, Vólia e Sátva.

Laura Brandão tornou-se uma lutadora do povo, pioneira e precursora do movimento operário e popular, democrático e progressista das mulheres brasileiras.

A 1.º de janeiro de 1922, numa reunião de massas no sindicato dos tecelões, OB falou exaltando a revolução socialista na Rússia.

Em *Mundos Fragmentários*, escrito em 1919-1920 e publicado em 1922, tomou atitudes avançadas. Glorificou a revolução na Rússia. Atacou o regime social dominante no Brasil.

Combateu o obscurantismo. Preconizou um novo sistema social.

No panfleto *Educação*, criticou o ensino vigente e defendeu a necessidade de uma nova educação — progressista.

*PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL E SOCIAL.* OB, em 1922, leu os livros de Marx, Engels e Lênin. Deu, então, o *terceiro passo libertador* — tornou-se militante do Partido Comunista. Foi recomendado pelo jornalista Astrojildo Pereira, fundador do P. C.

OB defendeu e popularizou a revolução socialista de 1917. Fêz propaganda das idéias vivas e imortais de Marx, Engels e Lênin, diretamente nas fábricas, sindicatos, bairros operários do Rio de Janeiro e de outras cidades.

Traduziu e publicou no jornal "Voz Cosmopolita", do Rio de Janeiro, em 1923, o *Manifesto Comunista* — a obra imortal de Marx e Engels. A tradução foi editada em folheto, em 1924, em Pôrto Alegre, pelo camarada Samuel Speisky.

Em 1923-1924, OB participou da luta vitoriosa pela libertação de José Leandro, cozinheiro de bordo, participante da greve dos marítimos em 1920. Fôra condenado a 30 anos de prisão. Nessa luta, destacaram-se o cozinheiro João Valentim Argolo, o garçom José Lago Morales e o Advogado Paulo Paiva de Lacerda.

Em 1924, OB publicou o livro *Rússia Proletária*, em defesa da revolução socialista, contra o anarquismo e o reformismo. Lançou vários folhetos para as massas. Entre eles, o *Abeçadário dos Trabalhadores* e o *Abre teus olhos Trabalhadores!*

Os governos da República eram cada vez piores. Reprimiam brutalmente todos os elementos progressistas.

Como protesto, os revoltosos pequeno-burgueses desencadearam as insurreições armadas de Copacabana a 5 de julho de 1922 e de São Paulo a 5 de julho de 1924.

Em consequência da insurreição armada de São Paulo, OB, vítima do governo reacionário de Artur Bernardes, passou por um período de provas, privações e provações. Mas o ânimo, firme e inquebrantável.

Teve de desaparecer desde 5 de julho de 1924, durante 2 anos e 9 dias, a fim de escapar à prisão e à deportação para a Clevelândia, no Amapá, extremo norte, onde dificilmente evitaria a morte. Laura e as crianças sofreram muita penúria...

Em 1924, na vida clandestina, OB iniciou sua luta contra o imperialismo. Caracterizou-o, então, como a dominação do capital monopolista e financeiro, parasitário e moribundo. Recolheu materiais sobre a penetração do capital estrangeiro no Brasil. Divulgou-os em cópias a máquina e, depois, em artigos publicados. Lançou, então, a palavra de ordem:

— Abaixo o imperialismo!

E, assim, em 1924, tornou-se um pioneiro da luta contra o imperialismo, no Brasil.

Sob o estado de sítio do govêrno Bernardes, em 1925, OB, na vida clandestina, veio a ser o fundador do jornal vitorioso "A Classe Operária", órgão das massas trabalhadoras. Publicou nêle muitos artigos — contra o imperialismo, sobre as reivindicações dos operários, o Quilombo dos Palmares etc.

Entre os seus companheiros de luta, destacaram-se o jornalista Astrojildo Pereira, a poetisa Laura Brandão, o padreiro José Maria de Carvalho e os tecelões Júlio Kengen, Hermenegildo Figueira e João Borges Mendes.

No livro *Agrarismo e Industrialismo*, escrito em 1924 em condições penosas, na vida ilegal, e publicado em 1926, o autor estudou a dominação do imperialismo e do agrarismo feudal no Brasil, e a insurreição armada de São Paulo a 5 de julho de 1924.

Em 1926, travou lutas vitoriosas nos sindicatos do Rio de Janeiro.

Em 1927, mais uma vez, teve de recomeçar a vida. Foi redator do jornal progressista "A Nação". Publicou, nêle, muitos artigos contra o imperialismo, sobre as reivindicações operárias e populares, e uma poesia escrita na prisão — *O Canto do Prisioneiro Revolucionário*.

Em 1928, no jornal "A Classe Operária" e num avulso, publicou *O Aranhol Capitalista*, mostrando a teia de aranha dos imperialistas e seus agentes no Brasil.

Em nome do Bloco Operário e Camponês, organização de massas, OB foi eleito Vereador do Povo (intendente), pelos trabalhadores do Rio de Janeiro, ao lado do bravo operário Minervino de Oliveira. Ambos, em 1929-1930, lutaram no Conselho Municipal do Rio de Janeiro. Aí combateram o imperialismo. Defenderam os direitos dos trabalhadores. E fizeram bastante trabalho extraparlamentar, nas fábricas, sindicatos e bairros operários.

Em 1929, no jornal "O Globo" do Rio de Janeiro, então liberal, OB publicou, sob o título *Na Arcádia*, o poema paisagístico *No Vale do Paraíba do Sul*.

No Rio de Janeiro, à Praça Mauá, a 25 de maio de 1929, realizou-se um grande comício de solidariedade com a greve dos gráficos de São Paulo. Os soldados receberam a ordem de metralhar o povo. Do alto da estátua de Mauá, Laura Brandão fez um apêlo veemente e apaixonado. Suscitou a fraternização dos soldados com os operários. E impediu que os trabalhadores fôssem massacrados!

A polícia política do Rio de Janeiro, no govêrno de Washington Luís, descobriu no Cosme Velho, em 1930, os materiais que OB vinha escondendo desde 1917. Confiscou-os. Recusou restituí-los, apesar de todos os protestos. Eram artigos, estudos, manifestos, livros e folhetos inéditos, cêrca de 50 cadernos de apontamentos, materiais preciosos sobre a região dos Canais e das Lagoas. Perdas terríveis, definitivas, irreparáveis!

Veio a pretensa "revolução" de 1930. OB foi prêso imediatamente, a 3 de outubro, pelo govêrno de Washington Luís. Sôlto a 24 de outubro pelo povo sublevado, foi prêso no dia seguinte. Seu mandato de vereador (intendente), anulado. Sôlto meses depois, ficou mais uma vez desempregado, a família na penúria.

Escreveu na prisão a poesia *1.000.000.000*, de protesto contra a opressão dos povos coloniais e dependentes. Publi-



cou-a, depois, em russo, na revista "A Literatura Internacional", em Moscou.

Trabalhou, em 1931, mais uma vez, como diretor do jornal "A Classe Operária". Seus companheiros: dois bravos operários — o gráfico Ferreira da Silva e o ferroviário Romualdo de Andrade.

**NA EUROPA.** Era em 1931, sob a ditadura de Getúlio Vargas. Prêso pela 15.<sup>a</sup> vez, OB foi retirado da prisão, metido a bordo do navio alemão Weser e deportado do Brasil para Brémen, na Alemanha, com Laura e três crianças — Dionisa, Vólia e Sátva. A maior não tinha 9 anos de idade.

Começou o 2.<sup>o</sup> exílio. Durou mais de 15 anos...

Os exilados cortaram o Oceano Atlântico. Sulcaram o Mar do Norte, através de tremenda tempestade. Saltaram em Brémen. Chegaram a Berlim. Aí, continuaram as perseguições. A polícia política alemã, a pedido das autoridades brasileiras, exigiu que OB deixasse imediatamente o território da Alemanha, sob pena de 6 meses de prisão e deportação.

Nessa hora atormentada, os trabalhadores da União Soviética abriram as portas à família de exilados brasileiros e deram-lhes o pão, o teto, a liberdade e a possibilidade de continuarem a luta pela libertação nacional e social do Brasil e da Humanidade!

A União Soviética, então, construía os fundamentos do socialismo, no meio das maiores dificuldades. O momento era duro. Mas, depois, a vida melhorou consideravelmente. Era o socialismo na realidade!

OB, mais uma vez, teve de recomeçar a vida. Viveu do próprio trabalho, como escritor, jornalista e tradutor. Lutou, sonhou e estudou.

Rolou pelo mundo durante mais de 15 anos. Percorreu a Europa de ponta a ponta, lutando, combatendo, pelejando.

Estêve em Paris e Berlim, Viena e Varsóvia, Moscou e Leningrado. Cortou os Alpes, transpôs o Cáucaso, galgou os contrafortes dos Urais. Sulcou o Oceano Atlântico, o Mar do Norte, o Báltico, o Mar Negro, o Bósforo, o Mar Egeu e o Mediterrâneo, às vèzes por entre as tempestades. Viu os

povos e os países mais diversos, as terras desertas da Ásia e as terras ardentes da África.

Por tôda parte, durante mais de 15 anos de exílio, OB levou sempre no coração a imagem sagrada da Pátria. Sempre se preocupou com os grandes problemas nacionais.

Lutou pelo Brasil e a Humanidade, pela paz e a liberdade, contra o fascismo e a reação. Participou das campanhas e batalhas internacionais em prol da Espanha Republicana e da China Popular.

Escreveu poesias de exaltação à Pátria distante. Pronunciou conferências em Moscou, em espanhol, russo e francês, sobre o Brasil, seus índios e negros, sua história e literatura, Castro Alves e Euclides da Cunha. Fêz vasto trabalho de popularização das riquezas morais e espirituais do Brasil, de glorificação do povo, da história, literatura e natureza do torrão natal.

Seus artigos e estudos foram transmitidos pelo Rádio de Moscou em português, espanhol, francês e italiano. Foram publicados em muitos países, em 8 idiomas — francês, inglês, alemão, russo, húngaro, espanhol, catalão e português.

OB percorreu a União Soviética em várias direções. Conviveu com os simples homens do povo. Visitou cidades e aldeias, usinas e granjas coletivas. Falou sobre o Brasil e a América Latina nos comícios de massas nas aldeias, fábricas de tecidos, usinas elétricas e usinas metalúrgicas.

Em Moscou, OB estudou literatura e filosofia, ciências naturais e ciências sociais. Estudou Lênin no original. Estudou o materialismo dialético, a dialética de Heráclito e *A Ciência da Lógica* de Hegel, com as anotações de Lênin nos *Cadernos Filosóficos*. Leu os clássicos da literatura universal. Viveu diretamente, na realidade viva, a experiência da revolução socialista. Pesquisou o passado, viveu o presente e trabalhou pelo futuro. Participou da construção do socialismo no terreno cultural. Traduziu diretamente do russo trabalhos de Lênin, Stálin, Dímítrov e Górkí.

A Internacional Comunista — a associação internacional dos trabalhadores — travava combates e batalhas. Dirigia a luta grandiosa nos países coloniais, dependentes e capitalistas.

OB trabalhou na Internacional Comunista. Depois, como colaborador científico no Instituto de Economia e Política Mundiais, sob a direção do célebre economista Eugênio Varga. Em seguida, de novo na Internacional Comunista, sob a direção de Dimítrov — o herói da batalha no tribunal nazista de Leipzig e da luta mundial contra o fascismo. Foi chamado, várias vezes, pelo camarada Dimítrov, para falar longamente sobre os problemas do Brasil.

Carregou lenha nos braços e ombros, para aquecer Moscou no inverno. Carregou terra em carrinhos, na construção do Metrô. Trabalhou como redator no Rádio de Moscou, durante 8 anos. No Instituto de Economia e Política Mundiais, recebeu o título honroso de *udárník*, isto é, trabalhador da vanguarda de choque, no domínio da cultura.

Em 1935, OB apoiou calorosamente a Aliança Nacional Libertadora, associação de frente única antiimperialista.

Depois das insurreições de novembro de 1935, tomou parte direta na grande campanha internacional pela libertação dos antifascistas do Brasil e de Luís Carlos Prestes.

A propósito, publicou em Paris, em "L'Humanité", um Apêlo a Romain Rolland. O apêlo teve uma resposta calorosa, com repercussão internacional.

*EM PARIS.* Em 1937, aumentavam os preparativos de guerra hitleriana. Agravava-se a luta entre a democracia e o fascismo.

OB tomou o trem em Moscou. Atravessou a Polônia fascista, um pedaço da Tcheco-Eslováquia, a Áustria, o Tirol e a Suíça. Saltou em Paris. Aí lutou, sonhou e estudou.

Em Paris, OB combateu o fascismo e a reação. Auxiliou a campanha internacional em prol dos presos políticos antifascistas do Brasil.

Participou da luta vitoriosa para arrancar Anita Prestes às garras da Gestapo. Neste sentido, ao lado do Socorro Vermelho Internacional e de Dona Leocádia Prestes, OB lutou em várias direções. Procurou reforçar a campanha internacional. Publicou artigos no jornal "L'Humanité", com o apoio caloroso do grande amigo Marcel Cachin. Colaborou assídua-

mente nas revistas "La Correspondance Internationale" de Paris, publicada em francês, e "Rundschau" de Basileia, em alemão. Tomou em consideração o fato de que a Alemanha hitleriana, em seus planos de guerra e invasões, pretendia "neutralizar" a Bélgica e a Inglaterra. Contribuiu, assim, para mobilizar personalidades belgas e inglesas, que enviaram mensagens ou foram a Berlim, reivindicar à Gestapo a entrega de Anita Prestes.

Tantos esforços de tantas organizações, personalidades e publicações, foram coroados de vitória. A Gestapo teve de entregar Anita Prestes.

Em Paris, OB estudou, nos locais respectivos, a história viva da Revolução Francesa e da Comuna de Paris. Visitou, muitas vezes, o Louvre, para conhecer diretamente as obras-primas da Grécia Clássica, da Renascença e do século XIX.

Andando, à tarde, pelo cais do Rio Sena, meditou sobre o presente e o futuro do Brasil — a Pátria distante...

Um dia, tomou um navio no Havre. Atravessou o Mar do Norte e o Báltico. Saltou em Leningrado. Voltou a Moscou, ao seio da família.

Foi professor dos emigrados políticos espanhóis. Fêz, para eles, dezenas de preleções sobre os problemas do Brasil e da América Latina. Auxiliou a filha Sátva a ensinar português a cidadãos soviéticos.

*A GUERRA FASCISTA HITLERIANA.* A guerra fascista hitleriana foi desencadeada contra a União Soviética e a Humanidade.

OB viveu a batalha titânica do povo russo contra a invasão dos exércitos da Alemanha nazista, em 1941-1945. Tomou parte na defesa lendária de Moscou, em 1941. Realizou trabalhos braçais. Cavou trincheiras nos arredores da cidade, na linha do golpe principal do inimigo, na hora em que os exércitos hitlerianos avançavam furiosamente. Serrou pinheiros e toros enormes, carregou-os aos ombros, com mais três homens, para a construção de obstáculos contra os tanques alemães. Trabalhou na construção de refúgios. Montou guarda nos telhados das casas — noites e noites, sobre Moscou adormecida,

contra as bombas incendiárias dos aviões fascistas. Carregou lenha para aquecer a cidade, preparando-a para o inverno. Trabalhou muitas vezes 24 horas e, uma vez 54 horas sem cessar, a não ser para curtas refeições.

No terreno intelectual, OB trabalhou no Rádio de Moscou. Bateu-se contra a propaganda nazista — pérfida, mistificadora. Respondeu o taco no taco aos demagogos como Goebbels, o ministro da propaganda hitleriana.

Traduziu do original russo e transmitiu imediatamente os discursos, relatórios e ordens do dia de Stálin. Traduziu, escreveu e redigiu, durante a guerra, milhares de artigos, notas e comentários, em defesa da Rússia e da Humanidade, contra o imperialismo alemão e sua guerra de rapina.

Tal a contribuição de OB durante a guerra fascista hitleriana.

No final, em Moscou, em 1946, numa sessão solene, OB foi condecorado, pelos trabalhadores da Rússia, com a Medalha da Bravura no trabalho, durante a grande guerra contra o fascismo, em 1941-1945.

Seu testemunho é o de um homem que viu, viveu, sentiu, sofreu a mais trágica e a mais terrível realidade!

Laura Brandão tomou parte na defesa épica de Moscou, em 1941. Lutou como socialista e como patriota brasileira. Carregou, aos ombros, pesados sacos de areia para reforçar a defesa da cidade. Auxiliou a retirar dos pátios das casas, quaisquer matérias inflamáveis. Auxiliou a transformar os porões das casas em refúgios contra os bombardeios aéreos dos nazistas. Montou guarda, noites e noites, para apagar as bombas incendiárias dos aviões fascistas.

Nessa luta, Laura deu tudo. Sacrificou tudo, até o esgotamento total!

Nascida sob o céu fulgurante do Brasil, à margem da magnífica Baía de Guanabara, Laura — em conseqüência da luta pela defesa de Moscou — o coração dilacerado pela mais profunda nostalgia, faleceu no exílio, muito longe da Pátria, no inverno cruel, por entre tempestades de neve, no ambiente da guerra mais terrível de toda a História Universal!

Faleceu a 28 de janeiro de 1942, na cidade de Ufá, a mais de 1.600 quilômetros de Moscou, na República da Bachquiria, nas solidões imensas dos Urais, nos umbrais da Ásia longínqua e milenária . . .

Personalidades internacionais levaram ao cemitério de Ufá os restos mortais da poetisa e lutadora brasileira. À frente da multidão, marchava a grande heroína do povo espanhol — Dolores Ibarruri, a imortal Passionária!

Na voragem da guerra, OB perdeu as relíquias mais preciosas: as cartas e poesias de Laura. Perdeu também os frutos de 10 anos de trabalho tenso e intenso: suas obras inéditas, artigos, estudos, inúmeros cadernos de apontamentos — destruídos durante a evacuação ou incendiados pelas bombas dos aviões nazistas. Perdas terríveis, definitivas, irreparáveis!

Lúcia Prestes, tradutora, hoje professôra, nascida no Rio de Janeiro, trabalhou no Rádio de Moscou, com OB, durante a guerra. Casaram-se. Têm duas filhas: Glória e Iracema, brasileiras, nascidas em Moscou.

*A VOLTA AO BRASIL.* OB tomou um avião em Moscou e um navio em Odessa. Seguiu pelo Mar Negro, o Bósforo, o Mar Egeu, o Mediterrâneo e o Atlântico. Saltou em Montevideú. Tomou um avião e chegou ao Rio de Janeiro em novembro de 1946.

Na Baía de Constantinopla, escreveu a descrição *Estambul e a Turquia*. Publicou-a, depois, na revista "Panfleto" do Rio de Janeiro.

Durante a estadia do navio no Pôrto de Cagliári, na Ilha da Sardenha, escreveu uma análise crítica ideológica de Platão e do idealismo filosófico.

No Oceano Atlântico, escreveu o trabalho *Os Três Princípios — Patriotismo, Humanismo e Democratismo*. Publicou-o, depois, no jornal "Tribuna Popular" do Rio de Janeiro.

E, assim, depois de mais de 15 anos de exílio, OB voltou ao seio da Pátria. Teve de recomeçar a vida, mais uma vez. Continuou a batalha pelo povo, a paz e a liberdade, contra a reação, a guerra e o imperialismo.

Pouco depois, em janeiro de 1947, pela segunda vez, foi eleito Vereador do Povo, pelos trabalhadores do Rio de Janeiro. De novo, na Câmara Municipal, atacou o imperialismo norte-americano e defendeu as reivindicações dos trabalhadores.

Foi um dos organizadores da Comissão de Defesa de Gregório Bezerra e das Liberdades Democráticas, ao lado dos camaradas Alcêdo Coutinho, Mascarenhas Sampaio e Aristides Saldanha. Tomou parte na luta vitoriosa pela libertação desse ex-deputado, vítima de uma provocação.

OB, desde o começo de 1948, passou por mais um período de provas, privações e provações. Mas o ânimo sempre firme e inquebrantável.

Viu o mandato de vereador cassado ilegalmente pelo triste governo Eurico Dutra, por ordem do imperialismo norte-americano. Teve de recomeçar a vida, ainda uma vez. Procurou um ganha-pão. Nada encontrou. Ficou desempregado. Sofreu novas prisões. Foi barbaramente espancado pela polícia política do governo Dutra. Tornou-se vítima de um processo monstruoso, desde março de 1948. Era um processo por idéias, e não por delitos, instaurado contra patriotas cujo único "crime" é lutar pela libertação nacional do Brasil.

Esse processo negou os direitos mais elementares durante 10 anos. E arrastou-se durante mais de 12 longos anos...

OB, de fato, foi acusado de três pretensos "crimes": ter idéias progressistas, combater os trustes estrangeiros e ser moralmente solidário com os amigos.

Vítima de tantas iniquidades, OB suportou uma vida de proscrito — dentro da própria Pátria — durante 10 longos anos. Sujeito a prisão preventiva e a muitos anos de cadeia, teve de desaparecer, na clandestinidade. Viveu de 1950 a 1958, durante quase 8 anos, caçado e acossado, na penúria, sem ganha-pão, sem pouso certo, no abandono e solidão, em lugares perdidos, sem a mais vaga sombra de liberdade!

Tal a pretensa "democracia" brasileira...

A ordem de prisão preventiva foi revogada em março de 1958. OB reconquistou a liberdade. Viu-se boicotado por to-

dos os lados. E, apesar de todos os esforços, não conseguiu reorganizar a vida.

Fêz muitas tentativas durante 2 anos. Em vão!

Não obteve nenhum ganha-pão certo. Nenhum trabalho compensador. Nenhuma base econômica, nem financeira. Uns tinham medo da própria sombra. Outros recusavam dar-lhe trabalho em nome de razões de classe — políticas e ideológicas. Queriam obrigá-lo a render-se pelo desemprego.

Em tais condições, OB viveu de biscates e auxílios dos amigos, de 1958 a 1960, durante 2 anos, num ambiente de preterições sociais, dores morais e injustiças intelectuais.

Apesar de tantos obstáculos e dificuldades, OB não quebrou nem vergou. Afrontou e desafiou a adversidade. Esperou pacientemente seu dia e sua hora — o dia e a hora da Justiça e Compreensão. Estudou literatura, filosofia e ciências sociais. Acompanhou os acontecimentos nacionais e internacionais. E conseguiu publicar uma série de trabalhos.

Em 1948, publicou o poema *Jundiá*, sobre a vida do camponês brasileiro e o realismo na arte. Também uma série de artigos, no jornal "Fôlha do Povo" do Rio de Janeiro, contra a ideologia imperialista norte-americana e seus pretensos "filósofos" e "sociólogos".

Em 1949, a 2.<sup>a</sup> edição do livro *Canais e Lagoas* e uma carta sobre o realismo na literatura, na revista "Resenha Literária" do Recife.

Igualmente em 1949, em Moscou, em russo, um estudo a respeito da literatura brasileira, na coletânea "Os Países da América Latina." Idem, uma narrativa, também em russo, a propósito da vida do camponês do Nordeste — *Zé Curau em busca da felicidade*, na revista "Ao Redor do Mundo."

Em 1950, publicou *O Caminho*. É uma epopéia nacional brasileira. Fala sobre a vida e as lutas do nosso povo, a comuna primitiva dos índios do Brasil, o período do escravismo, as sobrevivências feudais, a insurreição armada na Marinha de Guerra em 1910, os combates dos operários e intelectuais de Alagoas em 1917-1919. Foi inspirada pelo realismo revolucionário fundido com o romantismo heróico e revolucionário. É dedicada à memória sublime de Laura Brandão.

Em 1954, publicou a tradução do *Canto ao Albatroz*, de Górkí, feita diretamente do russo.

Em 1956, *Os Intelectuais Progressistas*. É um esboço de análise crítica ideológica sobre a vida, a obra e a época de Tavares Bastos, Tobias Barreto, Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Lima Barreto. Foi escrito em condições penosas, na vida clandestina.

Em 1958, *O Nihilista Machado de Assis*. É um esboço de análise crítica ideológica a propósito da vida, obra e época do célebre escritor. Também escrito na vida clandestina.

Até então, OB foi vítima da conspiração de silêncio durante 40 anos. Rompeu-a, porém, com o livro sobre Machado de Assis. Viu-se atacado violentamente por uns 40 "críticos". Rebateu-os, o taco no taco, na "Revista Brasiliense", de São Paulo, n.ºs 19 e 28. O atacado passou a atacante.

Em 1959, OB terminou a biografia de Laura.

Em 1960, com um grupo de pessoas amigas, inaugurou a Rua Laura Brandão, perto da Avenida das Bandeiras, no Rio de Janeiro. Continuou a estudar a nossa história, a fim de escrever *A Ascensão Histórica do Brasil*. Publicou uma introdução a esse livro, na "Revista Brasiliense" n.º 29.

Finalmente, a terra natal lembrou-se do filho ausente. Como resultado dos esforços do notável folclorista Theo Brandão, surgiu um convite do Departamento de Cultura do Estado de Alagoas, dirigido pelo talentoso jornalista Arnaldo Jambo.

OB chegou a Maceió, a 7 de maio de 1960, depois de 41 anos de exílio. Foi acolhido calorosamente pelo povo e a família. Passou a viver num ambiente de conforto moral e intelectual. E iniciou uma obra de paz, conagração e fraternização dos brasileiros e alagoanos, em nome da luta pela libertação nacional do Brasil.

Recebido solenemente pela Assembléia Legislativa de Alagoas, aí falou, da tribuna, sobre os problemas sociais e nacionais da atualidade.

Pronunciou três conferências em Maceió. A primeira, no salão nobre da Faculdade de Direito, sobre *A Educação do Povo Brasileiro*. A segunda, no salão do Instituto Histórico,

a respeito d'*A Ascensão Histórica do Brasil*. A terceira, no Palácio do Trabalhador, sobre *Os Canais e as Lagoas*.

Visitou Maceió e Viçosa, os Canais e as Lagoas, os bairros pobres da capital e as fazendas do interior. Fêz trabalhos de campo. Preparou o 2.º volume de *Canais e Lagoas*. Escreveu, para êle, uma Introdução a respeito da situação atual do Estado natal. Publicou poesias e artigos em torno de problemas históricos e literários, sociais e nacionais, no "Jornal de Alagoas" e na "Gazeta de Alagoas."

A 1.º de julho de 1960, depois de 12 anos de perseguições, dos quais 8 anos de solidão e clandestinidade, foi absolvido do processo monstruoso e ridículo por "crime" de idéias. Finalmente! Depois de toda uma existência, pela primeira vez no Brasil respirou o ar da liberdade...

Tal a vida de um patriota e humanista, democrata e revolucionário brasileiro.

Octavio Brandão, aos 64 anos de idade, dos quais 48 de lutas, marcha no presente cheio de realismo histórico otimista, de esperanças no futuro, de confiança nas imensas energias criadoras do povo brasileiro — saturado do mais profundo amor à Pátria e à Humanidade, à vida e à natureza, à ciência e à filosofia, à arte e à literatura.

Coragem e firmeza, energia e decisão!